fica cada vez mais distante à medida que se aproxima a colheita da nova safra.

A disputa do preço

Ao que tudo indica, uma nova alta de preços vai depender do volume a ser colhido da nova safra das águas em São Paulo. A colheita está prevista para meados de novembro na região de Itapeva e Itaí (áreas irrigadas). Outras regiões do estado como Itararé, Itaporanga e Taquarituba, que tiveram problemas de replantio, deverão entrar mais tarde (dezembro) praticamente com as safras do Paraná e Santa Catarina.

As indústrias trabalham com cautela, procurando negociar apenas o necessário para atender seus compromisso com as redes de supermercados – apesar da resistência dos produtores de Goiás e Minas Gerais, onde os preços praticados continuam na faixa de R$48,00 por saca de 60kg. Segundo esses produtores, o atual nível de preços dá prejuízo. A base de seus argumentos repousa na queda de produtividade da temporada e na alta nos preços de insumos com a valorização do dólar. Mas a formação dos preços da leguminosa em novembro depende mesmo do volume colhido de feijão no estado de São Paulo e da situação climática nos demais estados.

E-mail: shetzel@sti.com.br

MILHO

Contratos protegidos

A tendência de alta nos preços do milho e a seca no Centro-Sul valorizam a proteção oferecida pelos contratos futuros do produto

Rogério Ferreira de Souza

Os agentes mais atentos ao balanço de oferta e demanda do mercado interno do milho já esperavam: os preços dispararam em outubro. A força com que a alta se anunciava reduziu drasticamente a disponibilidade de milho no mercado. Os detentores dos estoques restantes especulam preços ainda mais altos. E os consumidores que têm no milho sua principal matéria-prima enfrentam dificuldades para abastecer-se dos lotes necessários.

O cenário se complica ainda mais com o atraso do plantio para a próxima safra. A seca no Centro-Sul, onde se localizam os grandes produtores, provocará uma entressafra maior neste ano, pois o milho precoce que começaria a entrar no mercado em meados de janeiro passou a ser esperado para o início de fevereiro.

O mercado também já cogita de quedas na produtividade devido ao solo irregular deixado pela seca e ao atraso no plantio, que vai ultrapassar o período tecnicamente recomendado.

Esse atraso preocupa os grandes consumidores, pois caso se confirmem essas irregularidades climáticas, os produtores podem optar por plantar mais soja na safra de verão e deixar o milho para a safrinha (segunda safra do milho). Em um cenário de escassez de produto, demanda em crescimento, dificuldade de importação e estoques reguladores (estoques do governo federal utilizados para o controle de preços no mercado interno) bem baixos, as notícias de atraso de plantio e possível perda de produtividade atuam como combustíveis no aquecimento dos preços.

Algumas medidas postas em prática pelo governo, como leilões quinzenais dos estoques federais de 100 mil toneladas para a região Centro-Sul e a permissão de importação por empresas consumidoras com pagamento a prazo, não fizeram reverter a tendência de alta, que só em outubro registrou variação em dólar de 33,44%, tendo como base de cálculo o milho CIF posto Campinas, mais ICMS.

Nessas condições de mercado indefinido, os contratos futuros hoje negociados na BM&F se tornam mais importantes porque podem ser utilizados como instrumentos de proteção contra oscilações de preços decorrentes das incertezas no mercado físico do produto.

Os contratos para entrega futura em janeiro de 2000 apresentaram melhora de liquidez em outubro, justamente quando se percebeu a alta acentuada nos preços no mercado físico. Por precaução, alguns agentes abriram novos contratos para se defenderem de uma alta ainda maior.

E-mail: roger@fgv.br

Indicador FGV/BM&F e contratos futuros (novembro 99 e janeiro 2000)

em US$ por saca de 60 quilos

